

A filosofia em um mundo dividido: Beatrice Wilford entrevista Carlos Fraenkel

Philosophy in a divided world: Beatrice Wilford interviews Carlos Frankel

Tradução do inglês por Maria Nestrovsky Folberg

Revisão de Rafael Bán Jacobsen

Carlos Fraenkel leciona nos departamentos de Filosofia e Estudos Judaicos na Universidade McGill em Montreal. De 2013 a 2015, foi professor de religião comparada e filosofia em Oxford e Fellow no Lady Margareth Hall. É o autor de *Teaching Plato in Palestine: Philosophy in a Divided World* e *Philosophical Religions from Plato to Spinoza*, e seus escritos têm aparecido no *New York Times*, no *Nation*, no *London Review of Books* e no *Times Literary Supplement*.

Nesta entrevista, Fraenkel recomenda aqueles que considera os melhores livros de filosofia para um mundo dividido. O filósofo argumenta que a cultura do debate, na qual povos de todas as procedências podem discutir abertamente a verdade, é a resposta real da filosofia ao conflito.

A entrevista foi publicada por *Five Books*, em <http://fivebooks.com/interview/carlos-fraenkel-on-philosophy-in-a-divided-world/>, em 23 de julho de 2015. Sua tradução e publicação na *WebMosaica* foram autorizadas pelo entrevistado.

Beatrice Wilford: Pode a filosofia salvar o Oriente Médio?

Carlos Fraenkel: Eu penso que ela pode contribuir para diminuir tensões, mas não penso que ela poderia salvar o Oriente Médio. Às vezes, minha esposa diz, brincando, que eu deveria abater o ISIS, e isto me garantiria o Prêmio Nobel. Mas algumas pessoas realmente têm essa expectativa muito exagerada da filosofia e pensam que seria a panaceia para resolver todos os problemas. Eu não penso assim.

Um exemplo de onde eu penso que poderia realmente fazer uma contribuição positiva é uma série de workshops que realizei durante os últimos anos. O primeiro aconteceu em uma universidade palestina em Jerusalém oriental. Eu ministrei uma aula junto com o intelectual e filósofo palestino Sari Nusseibeh, que era também o presidente da Universidade. A ideia básica era ler textos de Platão e de filósofos muçulmanos e judeus medievais que se baseassem em Platão e desenvolver uma interpretação filosófica do Islã e do Judaísmo.

Começamos com Platão, e uma das questões que discutimos foi: “Justifica-se a violência?” Essa é, obviamente, uma questão chave para ambos os lados do conflito Israel-Palestina. O próprio Nusseibeh é um eminente defensor da resistência não violenta contra a ocupação israelense, mas a não violência não é uma ideia muito popular para

o cidadão palestino médio. Compreensivelmente: as pessoas apanham, elas querem revidar. Nusseibeh argumenta que a não violência poderia ser um meio mais eficiente de alcançar os fins que os palestinos desejam alcançar, especificamente terminar a ocupação e ganhar a soberania. Seu argumento foi que Israel é uma espécie de ocupante ilustre, como os britânicos na Índia. Resistência não violenta não é sempre efetiva, mas é efetiva em alguns contextos. Foi efetivo na Índia, e ele pensa que também poderia ser na Palestina.

Nós tivemos uma discussão muito interessante sobre isso quando lemos *A República* de Platão, porque uma das virtudes chave que Platão defende na *República* é o autocontrole, algo que ele considera que todo ser humano deveria desenvolver. Sem autocontrole, você não pode viver segundo as instruções da razão, porque suas emoções vão sempre empurrá-lo a fazer coisas que se opõem à razão. Discutimos como o autocontrole pode ajudá-lo a não revidar quando você enfrenta um agressor, sabendo que não bater de volta vai realmente servir melhor a seu propósito. Você contém sua raiva, é agredido e faz alguma coisa que será mais eficiente para vencer seu opositor. Eu penso que você pode ver aí como essa ideia filosófica de viver de acordo com a razão através do autocontrole pode fazer uma contribuição positiva neste frágil contexto do Oriente Médio. Isto significa que filosofia pode salvar o Oriente Médio? Eu não iria tão longe a ponto de afirmar isto, mas penso em diferentes formas – esta sendo uma delas – em que possa fazer uma contribuição.

Beatrice Wilford: Quão receptivos foram seus alunos palestinos a essa ideia?

Carlos Fraenkel: Acho que eles enxergaram o ponto básico de que o autocontrole é importante se a razão lhe fala, que você não deve comer mais um

pedaço de bolo por razões de saúde, ou beber mais um copo de vinho porque você está dirigindo. Mas nem todos ficaram convencidos de que, neste contexto particular, a razão aconselha a não revidar. Alguns deles questionaram: por que Israel iria parar com a agressão? Por que não devemos revidar? Uma das coisas que lembro ter respondido é que esta ideia de retaliação é bem compreensível. Se alguém fosse bater em um membro de minha família, eu desejaria bater de volta. É normal; mas isto não significa que é justificável moralmente. Se alguém pode realmente mostrar que a não violência é o modo mais eficiente de conseguir soberania, de se livrar do ocupante, então eu penso que a não violência seria a escolha certa.

Beatrice Wilford: Você pensa que, por causa da forte influência de Platão no antigo Islã, seus alunos estavam predispostos a compreender essas ideias?

Carlos Fraenkel: Platão teve uma influência considerável nos filósofos islâmicos medievais. Começa com Al-Farabi nos séculos IX e X, que está entre os primeiros filósofos desta tradição chamada “falsafa” em árabe: filósofos no mundo islâmico que se veem como herdeiros do projeto de Platão e Aristóteles, revivendo-o. Al-Farabi escreveu um comentário sobre as Leis de Platão. Frequentemente, as pessoas dizem que este peculiar conceito platônico do rei-filósofo reemerge no mundo islâmico como o profeta: um político iluminado que outorga a lei que dirige a comunidade para a virtude.

Mas eu não diria que isto sobreviveu no mundo muçulmano contemporâneo. Você tem algumas partes do mundo islâmico onde essa tradição filosófica sobreviveu. Especialmente no Oriente, no Irã, por exemplo, você encontra gente que estuda esses textos como textos vivos, digamos assim. Mas eu não diria que o muçulmano médio

tenha alguma afinidade com Platão e que eles, portanto, estão abertos a essas ideias. Acho que o contrário é verdadeiro. O próprio Sari Nusseibeh, certa vez, por uma questão de argumento, defendeu este conceito de Al-Farabi do profeta como o rei-filósofo e foi agressivamente atacado na imprensa estudantil por ter defendido um conceito herético do profeta, porque, segundo a tradição islâmica, Maomé era *ummi*, ele era analfabeto. Parte da discussão sobre a validade e verdade do Corão é que uma pessoa analfabeta não poderia ter produzido um texto como esse por si mesma. A beleza, a profundidade e a riqueza desse texto mostram que ele deve ter sido revelado divinamente. Mas, se Maomé foi analfabeto, ele não poderia realmente ser um filósofo. As pessoas viram a colocação da visão de Al-Farabi por Nusseibeh como uma provocação.

Beatrice Wilford: Ele foi literalmente atacado também. Nesse contexto, a filosofia torna-se parte do conflito.

Carlos Fraenkel: Sim, é verdade. Nessa circunstância particular, foi somente um ataque verbal. Mas, em outras ocasiões, ele foi agredido; uma vez, como ele gosta de contar, foi depois de ele ter dado uma palestra sobre tolerância e igualdade. As pessoas na rua muitas vezes o veem como um traidor, porque ele tem sido firme em tentar construir relações bilaterais com Israel, especialmente com a academia israelense. Então, ele é visto como alguém que está vendendo a Palestina, que está colaborando com o inimigo. Esse foi o pano de fundo da violência literal.

Assim, fazer filosofia em um ambiente tão carregado traz certos riscos. Eu nunca vi Sari Nusseibeh sem seus quatro guarda-costas. Ele é uma figura muito controversa. Eles inspecionavam a sala de aula antes de ele entrar e ficavam esperan-

do na frente da sala de aula até que a aula terminasse; então, ele frequentemente me dava carona até Jerusalém Ocidental. Eu me sentia muito seguro com quatro guarda-costas no carro. É uma situação tensa.

Beatrice Wilford: *A Apologia* e *A República* de Platão são seus livros “número um”.

Você disse que, frequentemente, ficava surpreendido nas discussões com pessoas com quem falava e que não abordavam Platão sob um ângulo acadêmico. Como?

Carlos Fraenkel: Uma das coisas fascinantes para mim neste projeto é que eu tive de reler textos à luz das preocupações de pessoas que não são parte do establishment acadêmico, que leem esses textos à luz de seus problemas da vida real. *A Apologia* foi um dos textos que eu li com um grupo de judeus chassídicos prescritos na cidade de Nova York. Eles viviam uma vida dupla. Externamente, eles mantinham sua identidade judaica ultraortodoxa, eram bons membros da comunidade, iam à sinagoga toda sexta-feira, e assim por diante. Mas, internamente, eram livre-pensadores completos, que tinham rompido com tudo. Sua ideia de filosofia era que ela é um projeto essencialmente secular. Eles pensam que, uma vez que você esteja comprometido com a razão, não há qualquer espaço para religião.

Então, nós lemos *A Apologia*, e eles ficaram surpresos, porque Sócrates é retratado por Platão como uma pessoa piedosa. Todo seu projeto é provocado pelo Oráculo de Delfos. Ele diz que só está executando as ordens do deus Apolo quando ele caminha por Atenas examinando as pessoas, irritando-as e provocando-as. Ele diz que deve obedecer ao comando de Deus e, portanto, não pode abandonar a filosofia, mesmo que isto vá lhe custar a vida.

Eles ficavam intrigados com isso. Um deles tinha uma teoria de que Sócrates deu um salto de fé. Chegou à conclusão de que a única coisa que sabia é que não sabia nada. Isso não é muito satisfatório, então abraçou a religião porque a razão não o leva muito longe. Mas outro fez uma sugestão ainda mais interessante. Ele disse: “Talvez Sócrates tenha morrido muito cedo.” Eu fiquei surpreso e disse: “Como assim? Sócrates não viveu até setenta e tanto?” Ele disse: “Eu não perdi minha fé toda de repente, eu fui perdendo gradualmente, camada por camada: primeiro, as coisas que os rabinos de nossa comunidade diziam não faziam mais sentido para mim, então eu voltei aos comentaristas medievais; então, depois de um tempo, os comentaristas medievais também não faziam sentido, aí voltei para a literatura rabínica; então o *Talmud* e a *Mishnah* não faziam sentido para mim, e eu voltei para a Bíblia, a palavra autêntica de Deus; mas, no fim, a Bíblia também já não fazia sentido para mim, e o fundo caiu e eu caí no niilismo.” Sua teoria era que Sócrates não tinha atingido o estágio final de repudiar a religião e, por isso, se manteve piedoso; se ele tivesse morrido um pouco mais tarde, teria caído no niilismo, tal como aconteceu com este estudante.

Beatrice Wilford: Em seu livro, *Teaching Plato in Palestine (Ensinando Platão na Palestina)*, você fala sobre discutir democracia com seus estudantes. Eu sinto que você é bem ambivalente sobre como Platão e sua visão elitista dos filósofos poderia realmente ser útil em um estado de conflito.

Carlos Fraenkel: Eu não sei se a crítica da democracia e da igualdade e liberdade de Platão, que são valores centrais com que fomos criados, pode ajudar a resolver conflitos. Mas eu penso que ler

Platão pode ser um exercício socrático, porque você está lendo um texto que é parte do cânone da filosofia – todos o reverenciam, mas, ao mesmo tempo, ele passa visões que são totalmente opostas a tudo que você acredita: igualdade, democracia, liberdade. Penso que estar enfrentando alguém que discute a partir de posições que parecem estranhas a você é uma ótima oportunidade para você refletir criticamente sobre seus compromimentos. Muitos outros filósofos antigos e medievais podem ter essa função também. Maímônides, por exemplo, tem uma discussão elaborada sobre coerção, impondo certas crenças a todos por meio da lei. Essas coisas nos parecem estranhas, mas estes foram filósofos que eram pessoas inteligentes, que refletiram durante muito tempo sobre esses assuntos, e chegaram a essas conclusões. Isso cria um atrito produtivo.

Essa também é uma questão que surgiu no Brasil. O Brasil é, de um ponto de vista filosófico, um lugar especial, porque o parlamento brasileiro aprovou, em 2008, uma lei que torna obrigatório o ensino de filosofia em todas as escolas de ensino médio brasileiras. A razão que apresentaram é que a filosofia é necessária para uma boa cidadania. Eu gostei desta ideia e queria ver como funciona na realidade, na qual a ideia é menos promissora. Existe uma forte influência francesa na filosofia no Brasil. Professores franceses de filosofia argumentaram que só a história da filosofia faz sentido, mas a história da filosofia não se presta à filosofia pública, onde se deseja usá-la para empreender uma discussão democrática. Eu disse: “Você realmente pode usar a história da filosofia para provocar uma discussão, porque muitos destes textos históricos desafiavam as visões que temos atualmente e podem ser um trampolim para uma discussão mais ampla sobre os valores a que nos sentimos presos fortemente.” Eu usei Platão como um exemplo para isto.

Beatrice Wilford: Você pensa que coisas como essa lei podem fazer a diferença na forma como pensamos? Ou você acha que é algo mais íntimo e inefável?

Carlos Fraenkel: Basicamente, eu sou simpático a uma lei como esta. Uma das ideias-chave que eu defendo no livro é chamada cultura de debate: basicamente, uma estrutura intelectual na qual podemos discutir questões que nos preocupam profundamente, mas também em relação às quais discordamos profundamente por divisões culturais e religiosas. Penso que o maior benefício em engajar-se em tal cultura é que temos uma chance de pensar criticamente sobre as convicções centrais com as quais vivemos. Penso que a filosofia pode ser útil para assentar tal cultura, já que discordâncias profundas em si provavelmente não vão gerar debates interessantes, vão principalmente gerar frustração, possivelmente guerra. Mas se, nesta cultura, você puder transformar discordância profunda em debate através da filosofia, então eu penso que existe uma chance de podermos fazer tensões, choques e conflitos realmente úteis: intelectualmente produtivos.

Por filosofia, eu penso técnicas filosóficas: instrumentos lógicos e semânticos que nos permitam esclarecer o que queremos dizer, fazer um argumento, responder a um argumento, e certas virtudes filosóficas. Mais importante, penso que o amor à verdade é preferível a vencer uma discussão. Penso ser essa a chave filosófica da virtude. Essa filosofia imposta pela lei não é uma coisa ruim, pode ser mesmo uma forma de equipar os cidadãos para ter debates interessantes e usar suas discordâncias, seus conflitos e tensões de uma maneira intelectualmente interessante.

Beatrice Wilford: O livro dois é de Al-Ghazali: *A libertação do erro*. Por que você escolheu esse livro?

Carlos Fraenkel: Al-Ghazali é um dos mais importantes teólogos medievais muçulmanos. *A libertação do erro* é um texto que ele escreveu quase no fim de sua vida e é uma autobiografia intelectual. Ele começa o texto descrevendo a crise de fé de sua juventude, quando se apercebeu que seria um judeu ou cristão tão fervoroso quanto muçulmano se tivesse sido criado em uma comunidade judia ou cristã. Dá-se conta de que seu comprometimento com o Islã não está baseado em deliberação ou escolha, mas no que chama de autoridade de pais e professores: as circunstâncias contingentes de sua criação. É uma excelente forma de fazer questões filosóficas andarem, de fazer as pessoas questionarem suas próprias convicções: como chegaram a adquirir essas convicções? É porque realmente pensaram sobre elas ou simplesmente porque foram educadas desta forma e as internalizaram?

Uma vez tendo perdido a confiança no Islã, Al-Ghazali se pergunta: em que podemos confiar? Em que podemos ter fé? De onde posso auferir conhecimento? Ele se volta para seus sentidos e seu intelecto como as duas faculdades cognitivas que nos provêm de conhecimento. É um paralelo interessante ao que Descartes faz em *Primeiras Meditações*. Ele descarta seus sentidos muito rapidamente, porque eles interpretam mal as coisas, o exemplo que ele dá é que, ao olharmos para o céu, vemos o sol do tamanho de uma moeda, mas a astronomia nos diz que o sol é muitas vezes maior que a terra. Aqui o intelecto corrige o erro dos sentidos. Então surge a pergunta: podemos confiar realmente no intelecto? Ele argumenta que não é impossível pensar que existe uma faculdade cognitiva que identifique os erros do intelecto da mesma maneira que o intelecto identifica os erros dos sentidos.

O fato de não termos essa faculdade não significa que ela não exista. Pode ser que existam outros seres – anjos ou algo desse tipo – que tenham essa faculdade, da mesma maneira que os animais não têm intelecto mas os seres humanos têm.

Ele basicamente põe em questão o seu intelecto e termina em ceticismo total. Assim, no Islã ele não pode confiar, nos seus sentidos ele não pode confiar, no intelecto ele não pode confiar. A única saída fora dele é a graça divina. Deus ilumina seu coração, restaura sua fé em suas faculdades cognitivas, e então ele assume um projeto de reconstrução de sua confiança no Islã, e ele o faz examinando as quatro principais interpretações sobre o Islã que competiam em seu tempo, propostas por teólogos, filósofos, místicos e sufis. Ao final, ele fica com a interpretação sufi do Islã.

Isso foi muito útil para mim, porque você pode usar Al-Ghazali como modelo, tanto para questionar fundamentalmente seu comprometimento com sua tradição religiosa, quanto para justificar um debate interno em uma tradição religiosa. Ele mostra que existem interpretações competindo, você deve escolher entre elas, deve examiná-las, deve se decidir. Isto me ajuda a motivar essa ideia da cultura do debate desde dentro da tradição islâmica.

Beatrice Wilford: Minha reação inicial é que todos esses questionamentos levariam cada um a se tornar ateu. Mas, claro, nós temos muitas sociedades nas quais muitos são ateus, mas eles herdaram isto ou de seus pais ou de pessoas à sua volta. Elas nem questionam. Como seria uma sociedade em que cada um tivesse seus próprios campos de verdade?

Carlos Fraenkel: Eu não penso que a reflexão filosófica leve ao ateísmo. É verdade hoje que, se vo-

cê olhar para os filósofos, a grande maioria deles são ateus e estão comprometidos com o secularismo e o naturalismo e assim por diante. Se você olhar para a história da filosofia, quase nenhum filósofo foi ateu. Existe sempre esse comprometimento com Deus, e você encontra argumentos filosóficos muito elaborados para doutrinas religiosas. Conhecemos muitos tipos diferentes, desde o racionalista até o existencialista: Kierkegaard e assim por diante.

Então, eu penso que você terminaria com uma pluralidade de visões, algumas visões incompatíveis, mas elas seriam mais reflexivas, mais inteligentes, mais sofisticadas. Mas eu sinto que as pessoas se mantêm em seus comprometimentos essenciais. Algumas pessoas têm experiências de conversão, mas isto é relativamente raro. Eu penso que uma expectativa mais plausível é que a pessoa revise esses comprometimentos e talvez reinterprete suas tradições à luz desses comprometimentos revisados e assim veja isto como uma graduação progressiva em direção da verdade.

Beatrice Wilford: E é exatamente isso que ocorre no seu livro?

Carlos Fraenkel: No meu livro, não há qualquer intenção de pregar uma verdade absoluta, mas, ainda assim, existe um comprometimento com a ideia de que é possível trabalhar em direção da verdade. Basicamente, eu discuto a falibilidade, que não deveríamos confiar demais em nossas convicções, porque elas podem se mostrar erradas. Nós devemos, de alguma maneira, ter um conceito forte de verdade, porque, do contrário, essa ideia de debater e tentar revisar e deixar as coisas esclarecidas e mais consistentes não teria sentido. Minha própria visão é que existe algo como uma verdade objetiva, mas nós nunca podemos ter a certeza de tê-la alcançado, e assim o debate continua aberto.

Beatrice Wilford: Vamos para Maimônides e seu *Guia dos perplexos*, o terceiro livro. Falando dessa verdade, você pensa que a verdade que ele busca é a mesma verdade que Al-Ghazali está buscando?

Carlos Fraenkel: Eu penso, basicamente, que sim. Nenhum deles é cético com respeito à verdade, mas Al-Ghazali termina com uma visão sufi, e Maimônides permanece um filósofo comprometido. Al-Ghazali rejeita a posição que Maimônides defende. Mas eu penso que ambos acreditam que o que encontraram é a verdade objetiva, mesmo que eles discordem em questões importantes.

Maimônides é provavelmente o mais importante filósofo judeu medieval. Ele viveu no século XII, nasceu em Córdoba, como Averroës, seu famoso colega muçulmano. Ambos foram criados nesta vibrante cultura intelectual da Espanha Muçulmana, então ele está comprometido com Platão e Aristóteles em particular, mas é também um judeu comprometido, assim como Averroës é um muçulmano comprometido; eu penso que é isso que torna Maimônides particularmente interessante para mim. Quando há tensões entre seus comprometicimentos religiosos e seus comprometicimentos filosóficos, ele as resolve reinterpretando seus comprometicimentos religiosos à luz de seus comprometicimentos filosóficos. Posso lhes dar um exemplo. Maimônides e também Averroës pensam que a melhor forma de provar a existência de Deus é a prova cosmológica que Aristóteles desenvolve no final da *Física* e no livro 12 da *Metafísica*. Aristóteles argumenta que deve existir um movimentador incorpóreo e imóvel responsável pelo movimento circular eterno das esferas celestes em redor do mundo. Tanto Maimônides quanto Averroës afirmam que o primeiro a estabelecer essa prova não foi realmente Aristóteles, mas Abraão. Eles estão tentando embutir suas convicções filosóficas

na própria fundação de sua tradição religiosa, já que Abraão é o pai fundador tanto do judaísmo quanto do islamismo.

Obviamente, ninguém quer defender essa tese hoje em dia, quando a cosmologia foi colapsada pela revolução copernicana. Mas eu penso que a abordagem hermenêutica permanece interessante. Você poderia dizer que um intelectual religioso, hoje em dia, deveria argutamente reinterpretar sua tradição religiosa à luz de suas consideradas visões sobre Deus, o mundo e o bem humano. Maimônides, Averroës e filósofos desse tipo podem nos ensinar a reconciliar comprometicimentos intelectuais com uma tradição religiosa, caso se esteja comprometido com essa tradição. Eu penso que, sem algo desse tipo, a cultura do debate que eu proponho não funcionaria. Se você é um literalista convicto que pensa que o sentido literal da Bíblia, do Corão, ou dos Vedas, ou do que seja, supera tudo, então, quando houver conflito entre suas visões e o sentido literal da Bíblia, você vai sempre deixar a Bíblia vencer. Você necessita dessa abertura hermenêutica que Maimônides exemplifica.

Beatrice Wilford: É sobre criar elasticidade.

Carlos Fraenkel: Exatamente, abertura.

Beatrice Wilford: Em seu livro, você escreve que Maimônides deixou uma lista de leitura para o estudante, na qual ele recomenda apenas autores gregos e muçulmanos. Eu me pergunto se ele próprio foi lido por escritores muçulmanos.

Carlos Fraenkel: Um estudante aproxima-se dele e pergunta: “Quais são os livros filosóficos que vale a pena ler?” Ele providencia uma lista, e nessa lista você não encontra um só autor judeu. Você pode achar isso intrigante, afinal ele é um filósofo

judeu. Como você disse, ele recomenda Aristóteles e seus comentadores, e a maioria de filósofos muçulmanos que ele valoriza, ele não os valoriza como muçulmanos, mas valoriza como filósofos. Maimônides diz alhures que se deve escutar a verdade de quem quer que a diga. Ele gostaria de ver esse princípio aplicado a ele.

Mas ele escreveu muito pouco de filosofia pura. Ele estava principalmente interessado nesse projeto de reinterpretar o judaísmo de forma filosófica. Além disso, escreveu a maioria de seus livros, e particularmente seus livros filosóficos, em judeu-árabe: em árabe, mas com as letras hebraicas. Hoje existe uma transliteração de *Guia dos Perplexos*, de modo que estudantes muçulmanos podem ler com mais facilidade. Através desse fato acidental, penso que ele limitou a leitura. Certamente, quando alguém como Tomás de Aquino estava pensando em como conciliar seus comprometicimentos cristãos com Aristóteles, ele tinha Maimônides em tradução latina aberto sobre sua mesa. Sabemos que ele teve um impacto sobre futuros filósofos cristãos que estavam às voltas com problemas similares. Meister Eckhart também lhe é devedor, assim como outros.

De maneira geral, ele não teve um impacto muito grande em intelectuais não-judeus. Mas teve um enorme impacto na tradição judaica. Até os dias de hoje, Maimônides é um ícone de iluminismo. Muitos hospitais e escolas são nomeados em sua homenagem. Na Idade Média foi uma figura muito controversa por causa da interpretação filosófica do judaísmo que ele defendia e que deixava muita gente infeliz.

Beatrice Wilford: Vamos para *A Liberdade* de John Stuart Mill, seu quarto livro. Eu fiquei bem surpresa por encontrar esse livro na lista. Por que você o escolheu?

Carlos Fraenkel: Eu vejo John Stuart Mill como um intelectual de muitas faces. Penso, em geral, que não é difícil argumentar a favor de uma cultura de debate a partir de uma estrutura liberal ocidental. Você pode sempre afirmar que uma cultura de debate promove autonomia, porque promove autorreflexão crítica e, se você vive sua vida de uma forma reflexiva, você será mais autônomo do que se você viver de uma forma não reflexiva. Você tem uma versão disto em Mill. Mill é um utilitarista, é claro, e ele pensa que nossa individualidade é uma chave para nosso bem-estar. Por individualidade ele quer dizer o conjunto particular de talentos e forças que temos, que varia de uma pessoa para outra. Autorrealização é realmente a ideia-chave que ele promove. O problema que ele vê é a sociedade tentar suprimir o individualismo. Ele pensa as instituições sociais como educação, religião, política, sempre empurrando você em direção ao conformismo. Elas tentam impor certos valores e estilos de vida sancionados, e você deve se contrapor a este poder informal que ele chama a tirania da maioria. Você deve lutar por sua individualidade contra a tirania da maioria, que tenta empurrá-lo para estilos de vida pré-determinados.

Na forma como ele pensa, nós podemos nos contrapor a essa tirania da maioria por meio de uma cultura de debate vigorosa, em que o povo seja forçado a pensar sobre suas convicções e que vai abrir o espaço dentro do qual podem desenhar um plano de vida que sirva a seus talentos e suas forças.

O que eu me dei conta ao longo do tempo é que encontrei esse chamamento porque eu cresci em um contexto cultural no qual o individualismo e a autorrealização eram muito valorizados. Intuitivamente, isso faz sentido para mim. Eu descobri então, uma vez engajado neste projeto, e tive discussões com gente de todo mundo, que muitos dos meus interlocutores não estavam tão interessados

em autonomia e autorrealização. Eles estavam muito mais interessados em viver de acordo com o desejo de Deus. Dei-me conta de que não poderia argumentar a favor de Mill para uma cultura de debate se eu quisesse ter essas pessoas do meu lado.

Beatrice Wilford: Estou imaginando até onde pessoas que se identificam como parte de um grupo que é minoritário ou potencialmente até perseguido não têm muito espaço para identificar seus próprios talentos e forças na medida em que estão necessariamente envolvidas como parte de um grupo que elas veem como atacado?

Carlos Fraenkel: Para elas, eu diria que Mill não é tão útil. Mas você poderia dizer que essa situação em si não é uma boa. Uma vez tendo uma sociedade que não marginaliza nem suprime as minorias, então você pode começar um debate que vai além dessas identidades coletivas. Mas não, novamente, penso além dessa questão de identidade coletiva, em que há muita gente que não dá valor à individualidade. É algo que está muito profundamente arraigado em nossa cultura ocidental. Pensamos que devemos, de alguma maneira, encontrar nosso próprio caminho e nossas próprias coisas e ser diferente dos outros e encontrar nosso lugar especial no universo. Mas muita gente não compartilha essa ambição; então, nesse sentido, penso que o projeto de Mill é provinciano também.

Beatrice Wilford: Talvez meu questionamento revele exatamente o que você está dizendo. Não só imaginei que todos seriam ateus caso lhes fosse dada autonomia individual, mas também que poderiam desejar essa autonomia. Assim, eu claramente acredito que meus pré-

conceitos culturais são simplesmente a verdade.

Carlos Fraenkel: Isso me parece ser algo muito natural. Penso ser esse um fato da psicologia humana. Nós precisamos de algum tipo de experiência de contestação a fim de começar a entrar na validade de nossos preconceitos: a fim de reconhecer nossos preconceitos como preconceitos e não confundi-los com a verdade. Em teoria, você poderia simplesmente ficar sentado em sua poltrona e começar a refletir sobre suas crenças. Mas, parece-me, se nós não formos desafiados, não faremos o esforço de pensar sobre essas coisas. Penso que o atrito é uma coisa positiva.

Beatrice Wilford: O quinto livro é *Winnetou*, de Karl May. É verdade para você, como aparentemente foi para Einstein, que toda sua adolescência estava sob o signo de Karl May?

Carlos Fraenkel: Na Alemanha, Karl May é um escritor do século XIX muitíssimo popular na literatura juvenil. Penso que seus livros mais famosos são esta trilogia *Winnetou*. São romances do ocidente selvagem, mesmo que Karl May nunca tivesse viajado para a América do Norte. Este é o ocidente selvagem de sua imaginação. Não são romances muito bons, mas configuram a imaginação de cada menino alemão.

O próprio *Winnetou* é o chefe dos apaches; ele é o estereótipo do 'bom selvagem'. Ele tem um irmão-em-armas branco cujo nome é Old Shatterhand. As novelas são sobre as aventuras que eles vivem juntos e como eles se ajudam um ao outro. No fim, há um elemento cristão. *Winnetou* se sacrifica por Old Shatterhand, ele é atingido por um tiro e morre. Eu me lembro de ter chorado, e todos meus amigos choraram. Nós discutíamos o triste destino de *Winnetou*. Esse é um dos livros-chave

que a maioria dos meninos alemães leem numa certa idade.

Eu passei meus anos de formação na infância em uma pequena cidade alemã chamada Maria Veen. Meu pai tinha um emprego na escola secundária local. Quando eu tinha cerca de dez anos de idade, meus pais decidiram voltar para o Brasil, onde eles tinham nascido e crescido. Eles tinham fugido do Brasil nos anos 1960 por causa da ditadura militar. Eles chegaram como refugiados políticos para a Alemanha e se estabeleceram ali. Eu nasci ali e meus irmãos nasceram ali, onde nós passamos grande parte de nossa infância. Meus pais deliberadamente nos educaram como alemães, pois não queriam que chamássemos a atenção e nos sentíssemos diferentes. Então, mudamos para São Paulo, desta pequena cidade para essa metrópole colossal. Foi um tremendo choque cultural. Tudo era diferente: clima, normas sociais, cozinha. Eu falava a língua, mas, mesmo assim, foi algo muito, muito estranho para mim.

Uma das experiências mais traumáticas que lembro foi ninguém na minha aula conhecer os heróis que formam a imaginação de todo menino alemão. Subitamente, todo este quadro de referência cultural desapareceu. Minha reação foi nacionalismo da diáspora. Eu idolatrava tudo que era alemão. Eu até mesmo forçava meus pais a irem conosco a um restaurante alemão a cada duas semanas – mesmo que nós nunca tivéssemos comido comida alemã em casa – e comecei a menosprezar tudo que era brasileiro, o que foi particularmente bizarro, porque nós tínhamos dois avós judeus alemães que tinham sido expulsos da Alemanha e vieram para o Brasil. Retrospectivamente, é muito constrangedora a ambivalência etnocêntrica de meus julgamentos juvenis. Mas foi também uma primeira tentativa desajeitada de defender certa maneira de viver e certa maneira de ver

as coisas. Obviamente, eu não gostaria de voltar a isso. Mas eu penso que foi uma espécie de experiência formadora, uma experiência de assombro.

Eu penso que experienciei algo do que Al-Ghazali descreve: a contingência de nossas crenças e valores. Subitamente, o que era o meu mundo tornou-se uma pequena mancha lá longe, e eu me dei conta que não é ‘o’ mundo, que você não pode simplesmente universalizar. Pessoas em outros lugares fazem coisas de modo muito diferente. Penso que essa experiência de desorientação, alienação e deslocamento fundamentaram, de certo modo, algumas dessas questões que permaneceram comigo e formam meu livro.

Beatrice Wilford: Estou interessada em algumas das intersecções que esse livro traz para nossa discussão. Você trabalhou com uma comunidade iroquesa, e, como você afirma, Karl May não foi para a América, mas escreve sobre um guerreiro apache, impondo-lhe valores cristãos.

Carlos Fraenkel: Quando eu fui para Akwesasne, que é uma reserva iroquesa na fronteira do Canadá e Estados Unidos, perguntaram ‘o que você conhece sobre a cultura iroquesa?’ Eu disse ‘muito pouco’ e lhes mostrei uma foto do meu álbum de infância, em que eu estava fantasiado de Winnetou.

Parte da ideia era não entrar como um *expert*, mas entrar como alguém que tem preconceitos e não sabe muito, é ignorante e está desejoso de ser desafiado e desejoso de se engajar em uma conversação sem alardear qualquer autoridade e conhecimento. Então, eu alegremente referi a minha paixão infantil por Winnetou. Eles riram disso e me disseram que estavam tentando usar a ideia do nobre selvagem em seu benefício. Eles estavam oferecendo uma imersão de uma semana na cultura iroquesa, e que a cultura iroquesa construída por

eles não foi vivida por nenhum deles, mas criada para o turista ocidental que quer ter esse tipo de experiência.

Eu penso que é bom informar-se sobre o outro, mas penso que não é pré-condição para se engajar no debate. Você nunca saberá tudo sobre tudo. Penso que o real pré-requisito não negociável é que você esteja desejoso de deixar-se desafiar por outras visões e, no processo, aprender sobre os outros. Penso que a estranheza e os atritos que ocorrem são uma coisa boa. Eis uma oportunidade para revisar seus pontos de vista, que podem ter sido moldados por Karl May e Winnetou, e ver como vivem os americanos nativos reais e quais são os reais problemas que eles enfrentam.